

CONSTRUÇÃO DE SABERES: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DAS PRÁTICAS DOCENTES REALIZADAS EM HOSPITAIS

Francisca Maria de Sousa (UFPI)

GT 03 - Construção de saberes docentes

INTRODUÇÃO

A atuação do profissional educador em instituições hospitalares é um campo recentemente conhecido e pouco discutido no meio educacional brasileiro. Percebe-se que as produções teóricas mostram uma tímida construção de saberes teóricos, que vem cada vez mais legitimando as ações do educador que desenvolvam práticas educativas em hospitais. Observa-se que muitos saberes construídos partem de experiências realizadas por pedagogos, psicopedagogos e os demais profissionais da área da educação que se preocupam com essa questão.

Portanto, no decorrer desta abordagem serão citadas algumas experiências nesta área hospitalar, mostrando suas formas de atuação e conseqüências positivas, no que se refere aos aspectos de aprendizagens e principalmente relacionados à evolução do quadro clínico da criança que, mesmo no hospital, recebe atendimento psicopedagógico e pedagógico.

Considerando essa perspectiva, ressaltam-se alguns hospitais e estudos realizados nesta área em algumas regiões do Brasil: a) O Hospital das Clínicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (HCPA – UFRGS), que conta com serviços de apoio pedagógico coordenado pelo prof. Ricardo Burg Ceccim e que desenvolveu o conceito de “escuta pedagógica”; b) O Hospital Municipal “Jesus” do Rio de Janeiro, coordenado pela prof^a. Eneida Simões Fonseca e que construiu o conceito de “classe hospitalar”. Este dois estudos são os que mais se destacam no Brasil em termos de produção científica nesta área. Ressalta-se ainda, a atuação do Hospital Infantil Lucídio Portela (HILP) em Teresina – PI, onde existe uma pesquisa em andamento. Além deste, menciona-se o Centro Infantil Boldrini de Campinas, que desenvolve trabalhos nesta área e uma Clínica de hemodiálise de Fortaleza, sobre o qual recentemente foi veiculada uma matéria abordando o trabalho realizado por seus profissionais (Rede Globo, 18/11/03).

Esses outros trabalhos têm significativas contribuições na construção de saberes e práticas docentes em hospitais. Entretanto, tendo em vista o foco da discussão a respeito dos saberes construídos pelos docentes em hospitais, observam-se diferentes visões sobre saberes e práticas docentes enfatizados por Freire (1996) e Tardif (2002), bem como os outros trabalhos em hospitais mencionados anteriormente. A metodologia trata de uma pesquisa bibliográfica com análise qualitativa, a partir dos relatos das experiências.

Portanto, visto ser um atendimento educacional hospitalar uma área do conhecimento um tanto quanto recente em nossa literatura educacional, entende-se que as produções teóricas nesta área terão uma grande relevância para os profissionais docentes que trabalham com formação de professores. Este fato amplia o campo de atuação dos profissionais mais qualificados. Neste sentido, os trabalhos realizados a respeito dos saberes docentes têm dominado muitas pesquisas sobre o ensino nos últimos anos, tendo como principal objetivo contribuir com a formação desses profissionais a partir de construções teóricas sobre a natureza dos saberes, que são efetivamente mobilizados e utilizados pelos professores em seu cotidiano, tanto na escola como também em outros espaços informais (institutos, creches, hospitais, entre outros).

Dessa forma, discutir e analisar criticamente a prática docente, à luz de fundamentação teórica, é um dos caminhos a serem percorridos pelo educador e sua prática

docente está permeada por diversos saberes oriundos das relações construídas em seu próprio ofício de ensinar e aprender, o que está continuamente se transformando.

SABERES DOCENTES: ALGUMAS ABORDAGENS TEÓRICAS

Freire (1996) faz uma abordagem a respeito dos saberes necessários à prática educativa, pontuando as várias exigências necessárias para um bom educador. Uma das reflexões bastante significativas, abordadas pelo autor é o caráter da especificidade humana exigida pela prática educativa. Desta forma, o entende-se de que os saberes construídos pelos professores diariamente nas instituições de aprendizagem é um saber específico, pois as relações existentes entre o educador e o educando têm natureza específica. O que viabiliza essa construção de saberes é a capacidade que o educador tem em confiar, autorizar e assumir humildemente o papel de ser humano capaz de se comprometer como profissionais éticos e políticos.

Segundo o mesmo autor, um outro saber necessário à prática educativa é compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo. A relação desse saber com a especificidade humana é que a prática educativa é uma experiência essencialmente humana, não podendo ser considerada neutra e indiferente. Entretanto, o educador há de intervir e decidir nas formas de atuação, minimizando as dificuldades encontradas no cerne da política educacional, que cada momento surpreende o educador na tentativa de condicioná-lo e responsabilizá-lo pela reprodução de uma ideologia dominante. Assim, cabe uma reflexão a respeito do que nos diz este autor:

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal minha presença no mundo não é de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. Esta é a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história. (FREIRE, 1996, p.60).

O autor ainda enfatiza que o caráter prático das ações sociais das pessoas guiadas por disposição internalizada, isto é, o que elas fazem não é determinado somente pela estrutura social, mas pelo fato de sermos sujeitos construtores de nossa própria história.

Para identificar e classificar os saberes dos educadores, Tardif (2002) explicita o pluralismo do saber desses profissionais com os lugares nos quais eles atuam, as organizações que se formam e sua experiência de trabalho. Há ainda atenção para as fontes sociais de aquisição, os modos de integração ao trabalho docente e as dimensões temporais do saber profissional e suas construções ao longo de uma carreira. O autor enfoca, no mesmo trabalho, o conhecimento dos professores, vistos como sujeitos, e mostra que, como todo trabalho humano, este exige do trabalhador um saber fazer, destacando a sua subjetividade.

Segundo o mesmo autor, não existe trabalho sem um trabalhador para executá-lo, ou seja, um sujeito que saiba pensar, produzir e reproduzir as condições concretas de seu próprio trabalho. Neste sentido, os saberes que servem de base aos professores no exercício do seu trabalho são repensados especialmente a respeito da subjetividade, que, na concepção do autor, é um dos postulados centrais que têm guiado as pesquisas sobre o conhecimento nos últimos 20 anos.

Dessa forma, considera-se pertinente o conceito de subjetividade proposto por Silva (2000, p.101). Segundo o autor:

A subjetividade é um termo amplamente utilizado na teorização. A subjetividade é, com frequência, tomada simplesmente com sinônimo de “sujeito”. Neste sentido, pode-se aplicar o conceito de “subjetividade” sobre todos os questionamentos que são feitos ao conceito de “sujeito”. Em termos gerais, refere-se às propriedades e aos elementos que caracterizam o ser humano como “sujeito”. (SILVA, 2000, p.101)

Percebe-se que a complexidade desta definição recai sobre o sujeito, com suas características de ser humano, que vão ao encontro de seu saber pensar e agir.

É nessa perspectiva que os saberes construídos pelos professores que atuantes em hospitais devem conduzir seus trabalhos, pois os saberes construídos em espaços informais, como os hospitais, exigem do profissional certa especificidade humana. Os saberes dos professores que atuam nesse espaço são construídos mediante uma realidade específica, na qual o estado de saúde em que a criança se encontra é considerado, e o tempo e as estratégias de ensino e aprendizagem exigem do professor uma construção de saberes específicos.

OS SABERES EXPERIENCIAIS DOS PROFESSORES QUE ATUAM EM HOSPITAIS

Dentre os diferentes saberes abordados na visão dos autores referenciados, observa-se a ênfase dada àqueles construídos a partir da prática, ou seja, os próprios professores no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Esses saberes brotam da experiência e são por ela validados.

Segundo Tardif (2002), os professores incorporam a experiência individual e coletiva sob forma de *habitus* e habilidades, de saber fazer e ser, que por sua vez podemos chamar de saberes experienciais. Partindo dessas colocações, o autor nos mostra que, ao interrogar os professores sobre os seus saberes e sobre sua relação com os mesmos, eles apontam, a partir das categorias de seu próprio discurso, saberes que dominam a partir de práticas e experiências. Baseado nestes comentários, pretendem-se analisar algumas formas de atuação dos professores que trabalham em hospitais.

Dentre os trabalhos desenvolvidos nesta área, podemos destacar os seguintes:

a) O Programa de Apoio Pedagógico (PAP) – Este trabalho é realizado no serviço de internação pediátrica do Hospital das Clínicas de Porto Alegre (HCPA) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. O programa foi criado desde 1980, sendo considerada uma iniciativa inovadora e pioneira e conta com a participação de professores da escola técnica de saúde (em atividade dentro do próprio hospital) e outros colaboradores. Além de desenvolver um trabalho assistencial, com a participação de professores de educação da universidade, o PAP trabalha na formação de alunos desta área através de estágios, ampliando a proposta de trabalho pedagógico (CECCIM et al., 1997).

A assistência secundária e terciária, ensino (formação de recursos humanos) e pesquisa clínica, são prioridades do serviço de pediatria, estando todos inseridos na vocação do HCPA como hospital universitário de atenção múltipla.

Na área do ensino formal, o programa abriga os alunos do Departamento de pediatria e Puericultura da Faculdade de Medicina (FAMED) da UFRGS e os alunos do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil da Escola de Enfermagem (EE) da UFRGS. Há pouco mais de um ano, alunos da Faculdade de Educação (FACED) da UFRGS têm ocupado espaço na internação pediátrica para iniciativa à docência.

Toda essa evolução e crescimento do serviço ocorreram em função e por causa de um elemento muito especial e sujeito de todo esse cenário do hospital – o paciente, a criança hospitalizada. E, nesse contexto, inúmeros profissionais têm repensado o papel desse sujeito, que não é um simples objeto de assistência, de ensino e de pesquisa.

A moderna tecnologia na área da saúde tem determinado que cada vez mais crianças com patologias crônicas ou de baixa resolutividade busquem o hospital para preencher as suas necessidades assistenciais. Disso resultam situações em que as crianças, repetidas vezes ou de forma prolongada, permaneçam hospitalizadas. Elas têm motivado mudanças

importantes nas exigências e no desempenho das equipes, bem como no próprio do ambiente do hospital.

Aprender a escutar as informações de vida que a criança traz, aprender com as habilidades de escuta das diferentes profissões, aprender com o próprio exercício de atender e ensinar, constitui-se numa postura de pesquisa permanentemente em ação.

Colocada deste modo, a assistência significa crescimento profissional e o trabalho cotidiano, uma tarefa educativa, produzindo coletivamente e com o máximo de sensibilidade o saber necessário para promover a saúde.

b) O Hospital Municipal “Jesus” do Rio de Janeiro – Neste hospital é realizada uma experiência sobre acompanhamento pedagógico, que segundo a coordenadora Eneida Simões Fonseca, é definido como “Classe Hospitalar”. A professora Eneida Fonseca e seus colaboradores trabalham e lecionam neste hospital desde 1983, onde as aulas acontecem no período da tarde. Além dos conteúdos normais, os professores escolhem temas alternativos para desenvolver com as crianças. Os principais temas são: noções de higiene e saúde, meio ambiente e cidadania (FONSECA, 2003).

Segundo a professora Eneida Fonseca, parece relevante ressaltar que, cabendo aos hospitais basicamente ceder o espaço para instalações de classe hospitalar, este atendimento pedagógico-educacional tende a ocorrer nas enfermarias, o que denota não haver o cuidado com o espaço a ser utilizado por esta modalidade de atendimento. Existe a necessidade de considerar e clarificar aos hospitais o trabalho realizado pelas classes hospitalares, a fim de que elas possam dispor de acomodações mais adequadas para o exercício de suas atividades.

Desta forma, é necessário transpor barreiras e, através de esforços, unificar e garantir a excelências dos serviços, sejam estes prestados por professores, pessoal de saúde ou quaisquer outros profissionais que atuam no ambiente hospitalar, contribuindo assim para a qualificação da assistência prestada.

Segundo Fonseca (1999, p.21), a classe hospitalar é uma modalidade de atendimento da Educação Especial, que visa atender pedagógico-educacionalmente crianças e jovens que, devido à condições especiais de saúde, estejam hospitalizadas.

As argumentações a respeito da classe hospitalar é parte do trabalho desenvolvido por esta autora, que realizou uma pesquisa a respeito da realidade nacional do atendimento pedagógico-educacional para crianças e jovens hospitalizados.

Esta pesquisa foi a primeira do gênero a fazer um levantamento dos Estados brasileiros que oferecem o atendimento de classe hospitalar e as formas como o mesmo é ministrado. Quando da conclusão deste levantamento em março/98, no Brasil haviam 30 classes hospitalares distribuídas e em funcionamento em 11 unidades federadas (10 Estados e o Distrito Federal). Na atualização feita em agosto/99, foram computadas um total de 39 classes hospitalares em 13 unidades federadas (12 estados e o Distrito Federal).

Este tipo de atendimento decorre, em sua maioria, de convênio firmado entre as Secretarias de Educação e de Saúde dos Estados. Oitenta professores atuam nessa modalidade de ensino e atendem a mais de 1500 crianças na faixa etária entre 0 e 15 anos. Há diversidade na política e/ou diretrizes de Educação Especial seguidas pelas classes hospitalares, o que não diz respeito apenas às adequações regionais específicas.

As classes hospitalares foram unânimes no que diz respeito a seu objetivo: dar continuidade aos processos de desenvolvimento psíquico e cognitivo das crianças e jovens hospitalizados através de propostas voltadas para as necessidades pedagógico-educacionais e direitos à educação e à saúde desta clientela, em particular etapa de vida quanto ao crescimento e desenvolvimento físico e emocional.

c) O Centro Infantil Boldrini de Campinas – Neste centro, as pedagogas conversam com as crianças sobre sua rotina escolar e depois solicitam à escola que envie o material em que elas trabalhavam antes de serem internadas (FONSECA, 2003). Segundo Carmem Enes,

professora do centro, “Isso faz com que as pequenas dêem continuidade aos seus deveres e afazeres e não se sintam excluídas da vida normal”.

d) O Hospital Infantil Lucídio Portela (HILP) – Neste hospital é realizado o acompanhamento psicopedagógico. O trabalho transcorre da seguinte forma: a criança internada é acompanhada dos pais ou parentes; em seguida com a evolução do seu quadro clínico a mesma tende a restabelecer-se e a sentir vontade de voltar as suas atividades diárias (ir à escola, brincar, entre outras). Nesse momento, o profissional educador preenche essa lacuna, e então é realizada uma entrevista com o responsável a respeito da melhoria da saúde e da vida escolar da criança (SOUSA & RIBEIRO, 2002).

Após essa etapa, a criança é convidada a participar das atividades desenvolvidas em um espaço adaptado no próprio hospital, onde se realiza ações pontuais de acompanhamento. Essas ações procuram observar a evolução do processo de desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo. Para tanto, são desenvolvidas avaliações iniciais das condições cognitivas, desenvolvimento de algumas habilidades de recorte e colagem, pinturas e desenhos livres.

Antes do início das atividades é realizado um momento lúdico para as crianças que já conseguem ler e escrever. Estas são orientadas a realizar produções textuais a partir de gravuras e atividades incluindo operações matemáticas. Segundo o relato das crianças, esse é um dos melhores momentos no hospital, onde elas se sentem bem melhor diante de seu estado de saúde, chegando até a mencionar que estão bem e estudando. Este programa baseia-se no princípio de que a criança precisa ser estimulada a criar e desenvolver-se mesmo em meio a situações adversas, pois somente assim poderão enfrentar melhor suas dificuldades independente de seu quadro clínico. Desta forma, podem construir um mundo novo de perspectivas, de significados, que possa lhes dar ânimo a cada dia, contribuindo para que, em momento oportuno, venham a se reintegrar à escola e à vida social.

e) Outra experiência desta natureza foi relatada no Jornal Hoje, em 18 de novembro de 2003 (www.globo.com/jornalhoje), sobre o trabalho realizado em uma clínica de hemodiálise em Fortaleza – CE. Desde que esta clínica e uma faculdade de pedagogia se uniram para transformar pacientes em alunos, o clima entre as pessoas é de total satisfação. Este projeto nasceu a partir da reivindicação de um dos pacientes sobre a demora das sessões de hemodiálise. Esta reivindicação tratava da necessidade de realização de alguma atividade durante as sessões. A partir de então, a clínica entrou em contato com faculdade e passou a desenvolver atividades pedagógicas durante estas sessões.

Desta forma, 30 estudantes de pedagogia se ofereceram como voluntários para alfabetizar crianças e adolescentes que paravam de estudar por causa do tratamento. Assim, no primeiro mês os médicos perceberam mudanças no tratamento. "As crianças estão mais cooperativa, faltam menos às sessões de hemodiálise e apresentam menos sintomas e queixas durante o tratamento", descreve Paulo Mota, diretor do hospital. Segundo os professores, depois desse projeto percebeu-se que, durante um período de cinco a seis meses os pacientes estavam alfabetizados.

f) Abordam-se ainda as práticas pedagógicas desenvolvidas no Hospital Pequeno Príncipe no Paraná. Neste hospital foi criado um programa que funciona com a realização de vários projetos, dentre estes cita-se: O projeto Mirim de hospitalização escolarizada, este projeto segundo Matos (2001), tem como objetivo dar continuidade ao programa da escola que a criança frequenta, através do contato imediato com escola, contato este feito pela equipe (pedagoga, assistente social e professores estagiários); o projeto Sala de Espera; tem como objetivo a criação de um ambiente lúdico com envolvimento das crianças que guardam o atendimento médico na sala de espera; o Projeto Literatura Infantil: este tem como objetivo minimizar os efeitos traumáticos da hospitalização, estimulando a criança a desenvolver o seu potencial imaginativo e criativo, bem como incentivar o gosto e hábito para leitura. Observa-

se que os projetos em referência têm contribuído sensivelmente para criação de um ambiente mais agradável e de certa forma humanizado, aliviando assim o estresse das crianças hospitalizadas.

g) Em julho de 1997 surge uma proposta de trabalho organizado pelos professores especializados em educação especial da faculdade de educação da PUC de Campinas, que por sua vez realizavam atendimentos educacionais em enfermarias pediátricas de hospitais públicos da cidade de Campinas. O interesse era conhecer como esse trabalho estava sendo organizado, pois na coordenação da Brinquedoteca da Faculdade de Educação da PUC de Campinas era desenvolvido um projeto sobre brincar no hospital. Foram realizados cinco encontros sistemáticos, com duração média de 2 horas, gravados em fitas cassete. Os relatos foram transcritos e apresentados no encontro seguinte. A proposta da roda de conversa era que fosse um espaço de socialização do trabalho pedagógico desenvolvido pelos professores com as crianças e jovens hospitalizados. A socialização acontecia a partir dos relatos de experiências, das trocas de informações e conseqüentemente, da reflexão sobre o trabalho pedagógico que estava sendo realizado.

Segundo Caiado (2003), após a finalização deste trabalho, o Programa de Educação Especial da Secretaria Municipal de Educação de Campinas solicitou uma proposta de curso nos moldes de formação continuada, a ser oferecido aos professores da rede, sobre o trabalho pedagógico no ambiente hospitalar. Assim foi possível organizar a disciplina de prática de ensino, a partir de categorias construídas mediante relatos transcritos e analisadas pelos professores. As categorias foram as seguintes: sobre a organização e o funcionamento no hospital, Sobre os sentimentos de perda e dor vivenciados pelo o professor, Sobre a organização do trabalho. A disciplina contou com carga horária obrigatória de estágio orientado. Caiado (2003) comenta que as ementas são: 1) Introdução ao ambiente hospitalar - analisa o processo de desumanização da saúde pública no país e estuda propostas concretas de superação desse quadro. Estuda a estrutura do ambiente hospitalar. 2) Dor e Perdas: o cotidiano do professor no hospital - analisa a relação entre professor e aluno-paciente, considerando as emoções vivenciadas pelo educador diante da morte e das perdas. 3) Metodologia do trabalho pedagógico em ambiente hospitalar - analisa a relação escola-hospital. Estuda e analisa procedimentos e recursos pedagógicos. 4) Prática de ensino do trabalho pedagógico no hospital - vivencia e analisa o trabalho pedagógico em classe hospitalar. Os professores que ministraram as disciplinas eram da PUC de Campinas, nas Faculdades de Educação, de Enfermagem e no Instituto de Psicologia.

Observa-se que as experiências realizadas partem de profissionais que têm nível superior, ou seja, os saberes profissionais são essenciais para uma boa evolução de trabalhos como este, pois como relata Fonseca (1999) o número de professores nas classes hospitalares é expressivamente composto por profissionais de nível superior. Entretanto, essa informação é relevante para a concepção de saberes, no que se refere ao seu caráter de pluralidade comentado por Tardif (2002), quando afirma que o saber docente é essencialmente heterogêneo.

Diante dessa heterogeneidade, o autor em sua pesquisa enfatiza os saberes experienciais como núcleo vital do saber docente. Dessa forma, estes saberes não são iguais aos demais, mas “polidos” e submetidos às certezas construídas na prática e na experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim a análise que devemos fazer a respeito da construção de saberes pelos professores que trabalham em hospitais é que as experiências por eles desenvolvidas partem de uma proximidade entre os saberes teóricos construídos ao longo de sua formação e a

especificidade que desenvolvem, possibilitando assim nortear sua prática com maior segurança. Observa-se também, através das experiências já abordadas, a legitimidade da formação adquirida pelos respectivos profissionais educadores que desenvolvem sua ação educativa em hospitais. Percebe-se que estas experiências são desafiadoras e exigem do educador a capacidade de arriscar e acreditar no trabalho que está realizando.

Estes relatos nos remetem a um dos saberes abordados por Freire (1996), quando diz que ensinar exige a convicção de que a mudança é possível. Este é um dos saberes indispensáveis a quem, chegando a um hospital depara-se com a realidade de crianças que por motivos de saúde estão hospitalizadas e com isso se encontram distantes de seus laços sociais (família, escola entre outros).

Dessa forma, as experiências abordadas pelos professores que atuam em hospitais vêm constatar uma das reais formas de intervenção hospitalar, tarefa incomparavelmente complexa e geradora de novos saberes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAIADO, K. M. O trabalho pedagógico no ambiente hospitalar: um espaço em construção. In: RIBEIRO, M. L. S. BAUMEL, R., C. R., C. (org.). **Educação especial: do querer ao fazer**. São Paulo. Ed: Avercamp, 2003. p.72-79
- CECCIM, R. B. CRISTOFOLI, L.; KULPA, S.; MODESTO, R. C. P. Escuta pedagógica à criança hospitalizada. In: CECCIM, R. B.; CARVALHO, P. R. A. (org.) **Crianças hospitalizadas: atenção integral como escuta à vida**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997. p. 76-84.
- FONSECA, E. S. **Atendimento pedagógico-educacional para crianças e jovens hospitalizadas: realidade nacional**. Brasília: INEP/MEC, 1999. 25p. (Série Documental).
- FONSECA, E. S. Educador de plantão: aulas em hospitais asseguram continuidade dos estudos e desempenham papel fundamental na recuperação de alunos internados. **Revista Educação**, Ano 6, n.71, p.18-22, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 103p.
- MATOS, E. L. M, MUGGIATI, M. M. T. F. **Pedagogia Hospitalar**. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2001, p.90.
- SILVA, T. T. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 128p.
- SOUSA, F. M.; RIBEIRO, J. D. S. Desenvolvimento cognitivo e aprendizagem em crianças internadas no ambiente hospitalar. In: **II Fórum Nacional de Educação**. São Luís, p.389-393, 2002.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002. 325p.